

## PRÓLOGO

# Todas as festas de amanhã

### 1965-1968

**Lou Reed:** Estou completamente sozinho. Ninguém pra conversar. Dá uma chegada aqui, daí posso falar com você...

Há um tempão a gente tocava junto num apartamento de trinta dólares por mês e não tinha grana pra nada; comia mingau de aveia todo o dia e vendia sangue, entre outras coisas, ou posava pra aqueles tablóides semanais baratos. Quando posei pra eles, minha foto saiu dizendo que eu era um maníaco sexual assassino que tinha matado quatorze crianças e gravado tudo, e que rodava aquelas fitas num celeiro no Kansas à meia-noite. E quando a foto de John Cale saiu no tablóide, dizia que ele tinha matado o amante porque o cara ia casar com a irmã dele, e ele não queria ver a irmã casada com um veado.

**Sterling Morrison:** Os pais de Lou Reed odiavam o fato de ele estar fazendo música e andando por aí com indesejáveis. Eu vivia com medo dos pais de Lou – o único envolvimento que eu tinha com eles era a ameaça permanente de eles agarrarem Lou e jogarem-no num manicômio. Essa ameaça pairava sempre sobre nossas cabeças. Toda vez que Lou pegava hepatite os pais dele estavam à espreita pra agarrá-lo e trancafiá-lo.

**John Cale:** O melhor do trabalho de Lou veio todo daí. A mãe dele era aquele tipo de ex-rainha de concurso de beleza, e acho que o pai era um contador endinheirado. De qualquer modo, quando ele era garoto, os pais o puseram num hospital onde ele passou por um tratamento com choque elétrico. Parece que ele estava na Universidade de Siracuse e teve que fazer uma escolha compulsória entre ginástica ou as Corporações de Treinamento dos Oficiais de Reserva. Ele alegou que não podia fazer ginástica porque quebraria o pescoço e, quando

foi pra corporação, ameaçou matar o instrutor. Então ele deu um soco numa janela ou coisa parecida e aí foi posto num hospital pra doentes mentais. Não sei a história toda. Toda vez que Lou me conta, ele muda alguma coisinha.

**Lou Reed:** Enfiam uma coisa pela sua goela abaixo pra que você não engula a língua e colocam eletrodos na sua cabeça. Isso era recomendado em Rockland County naquela época para desestimular sentimentos homossexuais. O resultado é que você perde a memória e vira um vegetal. Não pode ler um livro porque chega na página dezessete e tem que voltar pra primeira página de novo.

**John Cale:** Lá por 1965 Lou já tinha escrito “Heroin” e “Waiting for the Man”. Encontrei Lou pela primeira vez numa festa, e ele tocou suas canções num violão, por isso não prestei a menor atenção, porque eu estava cagando pra música folk. Eu detestava Joan Baez e Dylan – cada música era uma porra de uma pergunta! Mas Lou continuou me infernizando com aquelas letras. Eu li, e elas não eram o que Joan Baez e aquela gente toda estava cantando.

Naquela época eu estava tocando com La Monte Young no Dream Syndicate, e a proposta do grupo era tocar cada nota durante umas duas horas.

**Billy Name:** La Monte Young era o melhor canal pra drogas de Nova York. Ele tinha as melhores drogas – as melhores! Ácidos fantásticos, ópio e baseado também.

Quando você entrava na casa de La Monte e Marian, ficava lá no mínimo sete horas – provavelmente acabava ficando dois ou três dias. Era um ambiente bem à moda turca. Um lugar com tudo no chão, camas, haxixe do bom, gente da rua chegando e se chapando – e aquela música repetitiva rolando.

La Monte mantinha toda essa coisa onde ele podia fazer uma apresentação que durasse dias e reunisse todas aquelas pessoas tirando um som com ele. Tocando uma única nota por um tempão, sem parar. As pessoas simplesmente iam chegando e aí eram escaladas pra tocar. Foi nessa época que John Cale andou por lá.

**La Monte Young:** Eu era por assim dizer o queridinho da vanguarda. Yoko Ono estava sempre me dizendo: “Quem me dera ser tão famosa quanto você.”

Então tive um caso com Yoko e fiz uma série de músicas no loft dela e pus uma advertência no primeiro folheto de propaganda: O OBJETIVO DESTA SÉRIE NÃO É ENTRETENIMENTO. Fui um dos primeiros a destruir um instrumento no palco. Queimei um violino no YMHA, e as pessoas ficaram gritando coisas do tipo: “Queimem o compositor!”

John Cale começou tocando com meu grupo, o Dream Syndicate, que ensaiava sete dias por semana, seis horas por dia – literalmente. John fazia zunidos específicos na viola – até o final de 1965, quando começou a ensaiar com o Velvet Underground.

**John Cale:** Na primeira vez que Lou Reed tocou “Heroin” pra mim, fiquei totalmente pasmo. A letra e a música eram tão obscenas e devastadoras. Mais que isso: as canções de Lou tinham tudo a ver com meu conceito de música. Nessas canções de Lou rolava um lance de assassinato do personagem. Ele tinha profunda identificação com os personagens que retratava. Era o “Método” atuando na canção.

**Al Aronowitz:** Descolei o primeiro trabalho do Velvet Underground. Coloquei-os como show de abertura na escola secundária Summit, em Nova Jersey, e a primeira coisa que eles fizeram foi roubar meu gravador de bolso. Eram uns junkies, uns cafajestes, uns marginais. A maior parte dos músicos daquela época tinha altos ideais, mas os Velvets só tinham merda na cabeça. Eram simplesmente uns marginais.

E a música deles era inacessível. É o que Albert Grossman, empresário de Bob Dylan, sempre perguntava – se a música é acessível ou inacessível –, e a música do Velvet era totalmente inacessível.

Mas eu tinha me comprometido. Então coloquei-os no Café Bizarro e disse: “Trabalhem aqui e vocês vão conseguir alguma exposição, botem as garras pra fora e se mexam.”

**Ed Sanders:** Ninguém queria ir no Café Bizarro porque

tinha que comprar aqueles drinques bizarros – cinco bolas de sorvete e coco-fizz. Coisa pra turista. Mas Barbara Rubin ficava dizendo: “Você tem que ouvir essa banda!”

**Paul Morrissey:** Andy Warhol não queria se meter no rock & roll; eu queria me meter no rock & roll pra ganhar dinheiro. Andy não queria fazer isso, jamais teria pensado nisso. Mesmo depois de eu ter tido a idéia, tive que forçá-lo a entrar nessa. Sei que você quer pensar que ANDY quis fazer isso e ANDY quis fazer aquilo, que tudo partiu de ANDY. Se você conhecesse o verdadeiro processo do que rolava na Factory, entenderia que Andy não fez nada e aguardou que todo mundo fizesse tudo por ele.

Então alguém quis pagar Andy pra que ele fosse num nightclub em Queens, e ele seria pago pra fazer isso. Eu disse: “Isso não faz o menor sentido, mas é dinheiro.”

Então falei: “Tenho uma boa idéia. Vamos ao nightclub do Queens, e vão nos pagar, mas o motivo pra irmos é que vamos empresariar um grupo que toca lá.”

Minha idéia era que poderia dar um monte de dinheiro empresariar um grupo de rock & roll que tivesse o nome nos jornais, e esta era a coisa na qual Andy era bom – botar o nome dele nos jornais.

O que aconteceu então foi que Barbara Rubin perguntou a Gerard Malanga se ele poderia ir ao Café Bizarro pra tirar umas fotos de uma banda, o Velvet Underground. Havia todos aqueles cafés beatniks no West Village que estavam ficando às moscas, por isso estavam tentando fazer uma transição de beatniks e canções folks pra algum tipo de rock & roll.

Aí fui até o Café Bizarro. Acho que era a primeira noite do Velvet, e eles tinham uma viola elétrica, que era a coisa que mais os diferenciava. E eles tinham aquela baterista totalmente andrógina, não havia absolutamente como dizer se Maureen Tucker era um garoto ou uma garota. Assim, estas eram as grandes atrações.

E John Cale, o cara da viola, estava maravilhoso com seu pentado à Ricardo III, e ele estava usando um enorme

colar de pedras falsas. É difícil de acreditar, mas isto era realmente esquisito naquela época.

**Rosebud:** Quando Andy Warhol deslizou Bizarre Café adentro com toda sua turma deu pra ver que ele ficou hipnotizado no ato. Imagem era tudo, e o Velvet Underground com certeza tinha uma. Eu não conseguia acreditar que aquela turistada toda estava lá sentada tomando uma champanhota e ouvindo os Velvets falando de heroína e S&M. Tenho certeza de que a platéia não tinha a menor idéia do que se tratava, porque as letras eram totalmente indecifráveis. Mas pensei: “Isso é demais!”

**Lou Reed:** A música nunca é alta o suficiente. Você deveria enfiar a cabeça num alto-falante. Mais alto, mais alto, mais alto. Vai, Frankie, vai. Oh, uau. Oh, vai nessa, vai nessa.

**Paul Morrissey:** Eu sabia que tinha encontrado o grupo certo. Falei com os Velvets naquela noite e perguntei: “Vocês têm empresário?” E o matreiro Louzinho Reed respondeu: “Bem, hum, mais ou menos, talvez, hum, não exatamente, mas, hum, sim, não.” Sabe como é, as duas respostas.

Eu disse: “Bem, estou a fim de empresariar alguém e produzir uns álbuns. Vocês terão emprego certo num nightclub, e o nome de Andy Warhol vai aparecer como sendo o empresário de vocês.”

Eles disseram: “A gente não tem amplificadores.”

Eu disse: “Bem, teremos que descolar amplificadores pra vocês.”

Eles disseram: “Bom, isso seria legal, mas a gente não tem onde morar...”

Eu disse: “Ok, ok, ok. Bem, voltaremos amanhã pra falar sobre isso.”

Então eu disse pra Andy que tinha encontrado o grupo que iríamos empresariar.

Andy disse: “Oh uu-uu-uuuu ohouuuuuuuuuuuuu!”

Andy sempre tinha medo de fazer o que quer que fosse, mas ao sentir que alguém tinha confiança no que estava fa-

zendo, especialmente no meu caso, ele apenas dizia: “Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh... ok.”

**Sterling Morrison:** Não fiz nenhum esforço pra impressionar Andy Warhol. Que me importava? Ele era apenas um sujeito da turma dos artistas que estava suficientemente interessado em nossas canções pra vir ouvi-las – mas isso não era como a visita de algum grande produtor de discos. Ele era apenas um artista sobre o qual eu sabia pouca coisa – exceto em termos de notoriedade. Meu gosto em arte naquela época não era pop art, provavelmente era arte flamenca, sei lá. Impressionismo... Não, pré-rafaelitas. Acho que eu tinha uma queda pelos pré-rafaelitas, que talvez sejam os precursores do pop.

**Al Aronowitz:** Botei o Velvet Underground no Café Bizarro, e a próxima coisa que fiquei sabendo foi que eles estavam caindo fora com Andy Warhol. Eles nunca me disseram uma só palavra, Warhol nunca me disse uma só palavra, foi altamente antiético, na verdade há uma lei contra isso.

Era um acordo verbal, mas o que significa um acordo verbal pra Lou Reed – ele não passa de um porra de um junkie oportunista. Se eu tivesse assinado um contrato com os Velvets, poderia ter arrancado toda a merda de dentro das tripas de Andy Warhol com um processo.

**Lou Reed:** Andy Warhol me disse que estávamos fazendo na música o mesmo que ele na pintura, no cinema e na literatura – ou seja, não era brincadeira. Do meu ponto de vista, ninguém estava fazendo na música nada nem próximo da coisa real, exceto nós. Estávamos fazendo uma coisa específica que era muito, muito real. Não era uma farsa ou uma mentira em nenhum aspecto concebível, e era só deste jeito que poderíamos trabalhar com ele. Porque a primeira coisa de que gostei em Andy foi que ele era muito real.

**Paul Morrissey:** A primeira coisa que percebi no Velvet Underground foi que eles não tinham um vocalista, porque Lou Reed ficava muito sem jeito como performer. Acho que ele se forçava a fazer aquilo porque era muito ambicioso, mas Lou não

era um performer natural. Então eu disse pra Andy: “Eles precisam de um cantor.” Perguntei: “Lembra daquela garota que andou por aqui? Nico? Ela deixou seu disquinho, um disquinho bem legal que fez em Londres com Andrew Loog Oldham?”

**Gerard Malanga:** Nico grudou em Andy e em mim quando fomos a Paris. Somei dois mais dois e concluí que Nico tinha dormido com Dylan. Pareceu meio óbvio. Ela tinha tirado uma canção de Dylan – “I’ll Keep It with Mine” –, então ele provavelmente pegou algo em troca, toma lá, dá cá.

Mas Nico tinha idéias próprias. Ela não era uma típica *starlet* de Hollywood. Sua própria história falava por ela – Brian Jones, Bob Dylan, ela tinha participado de *La Dolce Vita* de Fellini e era mãe de Ari, filho ilegítimo de Alain Delon. Yeah, desse modo Nico já tinha um estilo de vida quando a conhecemos.

**Nico:** Em Paris, Edie Sedgwick estava ocupada demais com seu batom pra escutar, mas Gerard Malanga me falou do estúdio onde eles trabalhavam em Nova York. Se chamava Factory. Ele disse que eu seria bem-vinda da próxima vez que fosse a Nova York, mas Edie interrompeu com algum comentário idiota sobre a cor do meu cabelo. Mas Andy ficou interessado porque eu tinha feito filmes e estava trabalhando com os Rolling Stones.

**Billy Name:** Todos nós da Factory ficamos encantados com Nico. Ela era simplesmente uma criatura fascinante que ficava totalmente na dela, era despretensiosa, mas absolutamente magnética. E não usava todas aquelas flores hippies, só usava pantalonas pretas ou pantalonas brancas – uma verdadeira beldade nórdica. Ela era demais, realmente, vou te contar, por isso qualquer coisa que a gente inventasse pra ter um papel pra ela, era isto que a gente faria. Queríamos que ela tivesse um papel de estrela no que estávamos fazendo, e, como ela era cantora, Paul Morrissey achou que seria genial tê-la cantando com os Velvets – o que, é claro, era a pior coisa que se poderia dizer pra eles àquela altura dos acontecimentos.